

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO UMA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NA SALA DE AULA

Ana Paula Jesus

Eixo Temático: Processos do ensino e da aprendizagem

RESUMO

Um olhar sobre o ato de histórias narrar na classe escolar, nos desperta à investigação e à experiência estética. Diante disso, movidos por reflexões à fim de recuperar a arte como um processo aberto a espontaneidade, criatividade, diálogo e a compreensão no saber, desenvolvemos esta pesquisa. Tendo como intuito, observar a própria prática educacional para compreender esta tentativa de assédio da função pedagógica sobre os contos orais. E desse modo, convidar o professor a olhar de forma diferente a esta arte oral. Como uma experiência estética na classe escolar. Para tanto, nos aproximamos da hermenêutica filosófica de Hans Georg Gadamer, teoria que nos serve como esteio para compreender essa tentativa de envolver por parte da prática pedagógica o contar histórias à ensinar um específico saber. Fato, que afasta do estudante, o acontecimento, o envolvimento e a entrega frente a uma arte. Movimentos estes, que põe em movimento nossas interpretações, fazendo vir à tona subitamente um conhecimento imerso em uma experiência estética. Isso implica compreender essa fusão entre contos orais e função pedagógica e redimensionar o potencial explicativo da experiência enquanto vinculada a capacidade de projetar uma transformação no observador frente a arte das histórias do faz-de-conta. Na expectativa de ampliar o entendimento dos estudantes e mobilizar os professores à arte como possibilidade de conceber conhecimento significativo e além do saber determinado.

Palavras-chave: Arte, experiência, conhecimento, função e mobilização pedagógica.

O tempo contemporâneo reveste-se de uma complexidade que requer, na tentativa de sua compreensão, ascense intelectual e refinado exercício teórico, mediante análise histórica. A esse pressuposto temporal, segue o eixo orientador desta investigação por sendas do compreender filosófico¹, desenvolvido em textos que buscam encontrar vestígios no tempo histórico, da força propulsora que seguiu configurando, decidindo e tracejando nossa visão de mundo a qual plasmou nosso

¹ Hermenêutica filosófica. Teoria desenvolvida por Hans Georg Gadamer. Autor que articula a hermenêutica filosófica como um modo de conceber conhecimento considerando a totalidade das experiências no desenvolvimento do saber. Nessa perspectiva, a hermenêutica gadameriana adquire um caráter dialógico e dentro da história do indivíduo numa abertura à compressão mediada pelo diálogo. Por isso, hermenêutica filosófica, por em meio ao diálogo dentro da totalidade das experiências formular verdades relativas.

destino junto a essas formas de olhar e entender conhecimento, ensino, aprendizagem, realidade e a nós mesmos enquanto humanos.

Para que o tema não se torne amplo, no que diz respeito à forma como compreendemos o mundo, dificultando com isso o debate, o limitamos ao ato de educar e aprender, relacionado à função pedagógica, que por sua vez ressoa nos contos orais na sala de aula. Como estamos em instâncias filosóficas, seguimos na expectativa de encontrar respostas, reflexivas para nossos questionamentos.

Nesse sentido, por estamos ancorados no compreender filosófico, somos convidados a olhar para o horizonte histórico do objeto a ser compreendido. Diante disso, voltamos nossa visão, para a sala de aula contemporânea, a qual segundo Cescon, apresenta-se: “Marcada pela ideia neutra, útil e prática, encaminhando-se para um utilitarismo economicista e bem pouco solidário com os demais valores”. (2011, p. 466) Para este pesquisador, estas questões são “caracterizadas pela exacerbação dos valores da modernidade.” (CESCON, 2011, p. 463) Valores estes, caracterizados por um pensamento moderno extremamente racional, estruturado por um sujeito de razão o qual, de acordo com Gadamer (2008), numa autoconsciência exaltada, difundiu imperativos racionalizados para compreender homem e a natureza.

E por esse motivo, um pensar racional e lógico, criou categorias imperativas as quais separaram a natureza do homem e este da sua totalidade. Estes distanciamentos, por sua vez, facilitaram o manejo da natureza. E por esse motivo, utilizar a natureza a seu bel favor, o sujeito racional, cunhou uma racionalidade propositadamente utilitarista com fins a conceder o domínio sobre o que se conhece.

Dessa maneira, essa questão, a instrumentalidade como modo de compreender o saber, canaliza-se na classe escolar contemporânea vertendo forças na função pedagógica. Conforme evidência Hermann (2002) Implicações pelas quais, de acordo com Cescon (2011), adere-se a esses movimentos com fins instrumentais, a velocidade e as preocupações de ordem econômica e social somada as exigências do mercado de trabalho contemporâneo.

Com isso, se antes a educação era destinada à formação de uma elite, hoje devemos-nos “conformar com a generalização do ensino que modificou sensivelmente o ato de ensinar e aprender”. (CESCON, 2011, p. 463) Nessa seqüência, de fato, os estudantes rapidamente se adaptaram a essa nova realidade. Nesta lógica, os alunos freqüentam a aula na postura de aprender algo e o professor se posiciona como um profissional que visa aplicar e desenvolver certa habilidade no educando. Aptidões

estas, determinadas pela organização sistematizada dos fatores políticos, econômicos e sociais. Por este viés, as questões formativas referentes à intelectualidade integral, cada vez mais vão ficando esquecidas.

Emergindo desse contexto, para facilitar o desenvolvimento de certas competências na sala de aula, a função pedagógica. A qual, segundo Bombassaro (2009), por ser compreendida exclusivamente pela via instrumental acabou reduzida ao utilitarismo. Dada a estas questões, a instrumentalidade segue seduzindo as teorias e concepções pedagógicas e a partir daí traça o ato de ensinar e aprender, à mera função pedagógica utilitarista, que visa propagar um saber específico e técnico.

Dentro deste processo, encontramos o contar histórias na classe escolar. O qual devido às repercussões utilitaristas, vindas da função pedagógica, mostra-se inclinado pelo professor que desconhece as questões teóricas desta arte, bem como de toda essa discussão ampla referente à educação, conforme evidenciado em Moraes no recuo da teoria (2004), a ensinar por meio de uma história contada, determinado conhecimento técnico diluído em um saber específico.

De acordo com Fleck (2011) A tematização dos poemas narrados como um meio para ensinar, ou como um instrumento pedagógico que envolve o ato de aprender na relação entre ouvir uma história, já é algo que permeia o processo educativo no Brasil, desde a década de noventa. Citamos também, o portal da Capes, referente ao Banco de Teses e Dissertações, que faz parte do Portal de Periódicos, o qual registra como início de pesquisas referente a essa arte, o ano de 1999. Uma incursão nessas pesquisas entre os anos de 1999 a 2010, revela 57 dissertações e teses sobre contos orais. Sendo que destes 57 estudos há 46 investigações, mescladas entre teses e dissertações, as quais possuem como objetivo de pesquisa, apresentar a narração oral assediada a alguma função pedagógica.

Diante destas implicações, transparece um possível assédio da função pedagógica sobre as histórias contadas, abrindo com isso, espaço para indagarmos. Será que a função pedagógica abduz a experiência estética da arte narrativa?

Visando compreender esta inclinação da função pedagógica sobre os contos orais, olhamos para a classe escolar contemporânea, na tentativa de compreender estes indícios objetificantes nesta arte. Fato, que nos projeta a redimensionar o potencial explicativo da experiência estética, uma teoria entre outros portos ancorada em Gadamer, quem apresenta a experiência estética vinculada a finitude do horizonte

humano a qual é apresentada como uma possibilidade de conhecimento subjetivo por ampliar entendimentos na via interpretativa e imaginária.

Munidos desta forma de compreensão, nos lançamos à investigação na tentativa de recuperar a arte, enquanto experiência na classe escolar. Diante da qual, a prática narrativa, torna-se um acontecimento no ensinar e aprender na sala de aula. Liames estes, convidativos à compreensão e a um outro olhar frente à arte dos contos orais.

Por este viés artístico, as histórias do faz-de-conta movem-se sem coação e determinismo, tornando-se aquilo que são arte. Um pulso de acontecimento sem revestimentos tecnocientíficos. Elevando a visão de nossos estudantes, aos âmbitos inspiradores da cultura fomentados em sua ampla criatividade. Pois, de acordo com Hermann (2010) a experiência da arte nos fornece momentos fecundos na via interpretativa de formular saberes. Fortalecendo nossas vivências que inesperadamente apontam reflexões. Nessa linha, o professor, numa abertura ao compreender, embebido no néctar da experiência estética, deixa de lado os resultados previamente calculados e direcionados, nesta arte para articular, depois da história a ideia, o argumento as hipóteses e os mistérios que rondam um conto.

Tornando-se inclusive horizontes para germinar outras narrativas e modos de formular, desenvolver e mobilizar o planejamento escolar. Abrindo com isso, espaços na metodologia do plano de aula para a hermenêutica no âmbito escolar. A qual compreende o estudante como um indivíduo dotado de intelectualidade e permeado por uma totalidade de acontecimentos. Os quais, através da experiência de ouvir uma história, geram movimentos internos que trazem à tona por meio da consciência um saber. Imerso entre o pensar sensível e racional, emergido por sua vez, na seiva de um pensar por si mesmo, o qual nos modifica.

Pois, neste caso “o conhecimento para a hermenêutica tem sua consumação não na certeza metodológica sobre si mesma, mas na comunidade de experiência, no sentido de vivências, que distinguem o homem experiente daquele que está preso aos dogmas.” (GADAMER, 2008, p. 472) Isso quer dizer que quanto mais vivenciarmos saberes desprendido de uma lógica quantificada, maiores serão nossas possibilidades interpretativas as quais refletem em escolhas e decisões futuras. Visto que enquanto seres humanos, estamos suscetíveis ao movimento da vida, a acontecimentos inesperados. E por esse motivo, escapa do conhecimento exato, fato que deixa transparecer, a importância de nos mobilizarmos para ampliar nosso leque de entendimento para outras vias do saber como o artístico.

Processos estes, referentes ao conhecimento não mensurado, que se afinam em experiências pessoais, repercutindo na experiência formativa, por evidenciar saberes emergido em seu próprio pensar. Caminhos estes, pelos quais vem à tona a experiência individual refletida em um pensar por si mesmo e por isso significativo. Nexos estes, canalizados no contar histórias como um inusitado acontecer artístico. Afinal, quando ouvimos um conto, naturalmente em meio à experiência estética pela via imaginária, formulamos um saber significativo para nós.

E assim, a partir deste contexto, contos orais como uma experiência estética descortina-se diante de nós, as linhas mestras de nossa investigação. Na expectativa que o caminho se mostre à arte enquanto processo de conhecimento na sala de aula. Levando em consideração, que o professor muito bem conhece os maravilhosos e frutíferos caminhos da função pedagógica, diante disso, sugerimos conciliar este agir pedagógico e arte como um possível processo de elaboração no saber, mesclado ao vasto campo da experiência da arte, enquanto oportunidade de conhecimento construído e significativo.

Pois, cada cor tem seu destaque no arco íris e todas elas juntas o tornam muito mais interessante. Em vista disso, somos sabedores dos profícuos resultados obtidos através da prática pedagógica, oriundos de mestres extremamente comprometidos. E de igual modo, destacamos e reconhecemos a importância do conhecimento mensurado para a humanidade, a qual trouxe inúmeras formas de conforto à nossa vida. Nesse sentido, vislumbramos criar um estofo intelectual plausível em nossas discussões e chamar atenção dos professores, para as questões subjetivas da mística, do encanto e da magia das palavras integradas nas histórias orais. Como processos constitutivos na elaboração de um conhecer significativo. Abrindo com isso, espaços para resgatar a arte como um processo no saber na sala de aula.

Diante disso, nosso objetivo nessa pesquisa, não nos compete em discutir os efeitos positivos ou negativos da função pedagógica. Antes, nosso intuito é apresentar, debater, refletir e sugerir um outro olhar sobre os contos orais. Na tentativa de revigorar diferentes possibilidades contemplativas à experiência da arte no ambiente escolar. Vale lembrar ainda, que como estamos em horizontes abertos a pluralidades de ideias, cabe aos discentes aceitar ou não aceitar o convite de olhar por outro ângulo as narrativas orais.

Em vista disso, nesta pesquisa, inteiramos o professor no debate da experiência estética e da contação de histórias, uma vez nutridos no néctar desta seiva, o discente

por si só encontrará veredas por onde trilhar. Lembrando nesse sentido, as palavras de Guimarães Rosa em Grande Sertão Veredas: “liberdade –aposto- ainda é só alegria de um pobre caminhozinho, no dentro do ferro de grandes prisões. Tem uma verdade que se carece de aprender, do encoberto, e que ninguém não ensina: o beco para a liberdade se fazer”.

E assim, expostas as expectativas, perspectivas e trilhas, transparece as perguntas movedoras de nossa investigação. Demarcada pela pluralidade de conceitos na atualidade e pelos questionamentos frente à experiência imaginária como parte constitutiva no saber.

- Porque a contação de história como uma experiência estética?

- Como a função pedagógica desloca dos contos orais a experiência no saber?

- Há maneiras de transgredir a visão instrumental que compreende essa prática e conciliar a função pedagógica e os contos orais na sala de aula, sem perder de vista a via imaginária?

Estes desdobramentos por si só revelam a importância de desenvolvermos esta investigação, que tem como justificativa; o agir pedagógico sitiado à função pedagógica e interligado a interesses individuais, referentes à hegemonia econômica, direcionando o ensino à instrumentalidade, interferindo no contar história aplicável e direcionado a isso ou aquilo; o recuo da teoria² apresentado por Moraes (1994), refletindo no professor que narra história para ensinar um saber objetivado, por desconhecer a experiência estética que esta arte ocasiona, e também as constantes reivindicações de estudantes, para ouvirem histórias – na classe escolar. Implicações, que demonstram por parte dos estudantes, impulsos e inclinações a imaginar e maravilhar-se, na tentativa de sair por instantes do pensamento lógico, que permeia as instâncias escolares.

Dado ao exposto nossa pesquisa possui como pilar comum a educação, tornando-se importante para as teorias educacionais por, promover discussões sobre o conhecimento para além do previsível integrado a função pedagógica e em consequência as histórias; ampliar o horizonte investigativo e o pensamento reflexivo diante da argumentação e da teoria, sobretudo na filosofia da educação e, além disso, a pesquisa pode contribuir com o resgate de espaços democráticos e criativos em classe

² Sobre a educação neste milênio, Moraes (2003, p. 152), afirma que “caem em desuso à escola tradicional, a educação formal e as antigas referências educacionais”. Ainda enfatiza, “é preciso agora, elaborar uma nova pedagogia, um projeto educativo de outra natureza, e assegurar o desenvolvimento de competências [...], competências no sentido genérico é uma educação reducionista por priorizar um saber técnico e operacional”.

escolar, evidenciando a arte como um processo no saber e próximo da interação entre linguagem, compreensão, historicidade e criatividade.

Para tanto, tomamos a experiência estética como ponto de partida nas poesias orais que enquanto arte chama para si, a interpretação. Nessa perspectiva nos aproximamos e situamos diante do compreender, em um universo amplo, reconhecendo que esse processo de algo entender, não é apenas lógico, mas histórico e individual. Com essas considerações, trazemos para perto a já referida, hermenêutica filosófica, com H. G. Gadamer.

Nesses liames, a finalidade desta investigação está longe de ser uma atitude de confronto ou que limite o acontecer desta atividade narrativa na sala de aula. Sabe-se, que esta prática decorre-se em inúmeras classes escolares há muito tempo. “Em 1910, Sara Cone Bryant escreveu que as histórias relaxavam a tensa atmosfera da escola, estabelecendo uma relação feliz entre a professora e as crianças” (GEOFF e GIRARDELLO, 2004, p. 122), sendo “[...] uma forma de vivência artística plena que podemos oferecer às crianças”. (GEOFF e GIRARDELLO, 2004, p. 116) Antes, nosso intuito mediante essa investigação é provocar um frenesi de novos debates em torno deste tema, suscitando novas possibilidades.

Desse modo, não há dúvida, do quanto às aproximações entre hermenêutica e histórias orais, podem ser frutíferas na busca de compreender este assédio funcional que permeia a arte narrativa. Sendo assim, na expectativa de explicitar o que estamos supondo, seguimos em três aspectos integrados, que direcionam e objetivam o trajeto da pesquisa:

a) Acompanhar o era uma vez, ao longo da história ocidental, observar o motor propulsor que deslocou a experiência do conhecimento do homem da educação e na seqüência da contação de história quando adentrou o recinto escolar;

b) Compreender o envolvimento da função pedagógica nesta arte oral;

c) Refletir em meio à hermenêutica filosófica e tecer o contar histórias como uma experiência estética.

Sendo assim, pretendemos apresentar as histórias do era uma vez, como uma experiência estética na sala de aula. Neste âmbito, o contar histórias adquire formas

dimensionadas e saberes diversificados com significados múltiplos, por sensibilizar o ouvinte que mediante a experiência da arte aguça uma modificação. (NUNES, 1999) Nestas linhas finais, nosso pensamento encontra seu alinhavo final nas palavras de José Saramago “E assim, talvez, a educação inclua urgentemente outro tipo de saber, uma consciência criativa, ética com diálogo e participação de todos. Uma sabedoria que para formar-se não tivesse que esperar até a velhice.”.

REFERÊNCIAS

BOMBASSARO, Luiz Carlos, *Racionalidade, diversidade e formação pedagógica*. Porto Alegre: DIPUCRS, 2009.

BOMBASSARO, Luiz Carlos, *Paidéia e humanitas enquanto raízes do projeto formativo*. In Sobre filosofia e educação, racionalidade, diversidade e formação pedagógica. Passo Fundo: UPF, 200, p. 191-205.

CESCON, Everaldo. A sobrevivência da universidade na hipermodernidade. In: Bombassaro, Cláudio. Dalbosco Almir, Kuiava antonio, Evaldo. Org. *Pensar sensível: homenagem a Jayme Paviani*. Caxias do Sul, RS: Educs, 2011.

FLECK, Felícia de Oliveira. O contador de histórias: uma profissão? Enc. *Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.*, Florianópolis, n. 23, 1º sem. 2007. Disponível em <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/412/404>>. Acesso em 17 maio 2011.

GEOFF e GIRARDELLO, Fox e Gilka. A narração de história na sala de aula. In *Baús e chaves da narração de histórias*. Florianópolis: SESC, 2004.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método I*. Petrópolis: Vozes, Bragança Paulista: Universitária São Francisco, 2008.

HERMANN, Nadja. *Hermenêutica e educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

_____. *Pluralidade e ética em Educação*. Rio de Janeiro. DP&A, 2001.

_____. *Autocriação e Horizonte Comum*. Ijuí: Unijuí, 2010.

NUNES Benedito. *Hermenêutica e poesia*. O pensamento poético. São Paulo: Humanitas 1999.

JOSÉ SARAMAGO. Disponível em: <<http://tecendoasabedoria.blogspot.com/2011/03/caminho-lanca-o-caderno-2-cronicas-de.html>> Acesso em 13 jul. 2011.